

O FIO QUE LUTA E ENLUTA: TECENDO VÍNCULOS EM *A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS*

| LINA SCHLACHTER CASTRO¹ E IOLANDA MENDES²

RESUMO

Ao perder sua companheira de 48 anos, o Senhor Silva, personagem central do livro *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, é enviado para um lar de idosos. Atravessado por uma realidade demasiadamente dolorosa, aponta com o seu ódio que seus investimentos libidinais não seriam facilmente deslocados, denunciando que enfrentaria dificuldades na resolução de seu luto. A partir da sobrevivência de pessoas estranhas aos seus ataques, declara, enfim, sua falecida esposa morta e passa a tecer uma nova família com os fios da amizade. Apresentando o papel da destruição para a construção de novos vínculos, o presente artigo tem como objetivo compreender o luto a partir dos fenômenos transicionais propostos por Winnicott. Sugere-se que o mundo do personagem deixa de ser sentido como empobrecido na medida em que volta a ser constituído um viver criativo.

Palavras-chave: Luto; Destrutividade; Vínculos; Fenômenos transicionais; Viver criativo.

ABSTRACT

After Mr. Silva, the main character of the novel *A machine to make Spaniards*, by Valter Hugo Mãe, lost his beloved wife of forty-eight years, he was sent to an old people's home. Consumed by an extremely painful reality, his hate shows that his libidinal investments wouldn't be easily displaced, signaling that he would face difficulties in resolving his mourning. As strangers survived his attacks, he finally declares his wife dead and starts to weave a new family with the friendship threads. Discussing the role of destruction in the construction of new relationships, the goal of this paper is to understand mourning in the light of the transitional phenomena proposed by Winnicott. It is suggested that the character's world stopped being felt as depleted after his creative life was reconstituted.

Keywords: Mourning; Destructiveness; Relationships; Transitional phenomena; Creative life.

1 Psicóloga clínica, mestre em Teoria Psicanalítica e Doutora em Psicologia Clínica.

2 Psicóloga clínica, especialista em Psicoterapia Psicanalítica.

INTRODUÇÃO

Uma das principais contribuições de Winnicott para a psicanálise foi a concepção de objetos e fenômenos transicionais, ou seja, a ideia de que entre o eu e o outro há um espaço que permite ao indivíduo estar vivo ao mesmo tempo em que se relaciona com o mundo externo. Há, portanto, uma área intermediária de experimentação que é permeada por aspectos tanto da realidade interna como da realidade objetiva externa.

Para ter acesso a essa área, o indivíduo tem que passar por uma relação primitiva com seu cuidador, na qual deve haver uma experiência ilusória. Afinal, não existe saúde se não há uma experiência suficientemente boa inicial. Essa experiência de ilusão permite que o bebê use, como ensina Winnicott (1975, p. 24), um objeto interno que “está vivo, e é real e suficientemente bom (não muito persecutório)”. Ou seja, o autor preconiza que, nos estágios iniciais da vida, é imprescindível o cuidado de alguém devotado e identificado com o bebê, satisfazendo suas necessidades e fazendo com que o mundo funcione de acordo com sua realidade subjetiva.

Para que haja a adaptação necessária do bebê à realidade, é preciso que ele tenha a ilusão de que o seio tanto faz parte dele como está sob seu controle mágico. A mãe, portanto, oferece um seio que é parte dela, mas que é sentido pelo bebê como parte dele. Trata-se de uma ilusão de onipotência que deve ser alimentada para que o indivíduo passe a confiar em seu ambiente e construa uma continuidade de ser.

Havendo essa experiência inicial suficientemente boa, aos poucos o bebê torna-se pronto para enfrentar a perda de sua onipotência, o que indica que os objetos subjetivos gradualmente passam a ser relacionados a objetos objetivamente percebidos. Assim, a realidade passa a ser compartilhada e vai deixando de ser apenas um feixe de projeções.

O que torna possível a perda da onipotência é a sobrevivência do objeto às tentativas de destruição que lhe são impingidas pelo bebê. Se sobrevive, o objeto

sai da área do controle onipotente do bebê; diferencia-se do eu e passa a ter vida própria. Assim, segundo Winnicott (1975), a externalidade é criada pelo impulso destrutivo.

O cuidador, portanto, separa-se gradativamente do bebê não apenas porque se recuperou de um alto grau de identificação com ele e deve voltar a suas atividades de outrora, mas porque percebe que há uma nova necessidade do bebê, que é o seu afastamento. A nascente separação, desta forma, é uma criação da dupla mãe-bebê, ou seja, não parte somente de um dos polos dessa relação.

A partir dessa experiência, desencadeia-se o processo de aceitação da realidade objetiva, o qual nunca é completo, e se iniciam as experiências de transicionalidade. O objeto transicional, portanto, surge no momento em que o bebê transita da experiência de fusão com a mãe para o estabelecimento de uma relação com ela, agora percebida como separada dele, preenchendo o espaço potencial. A mãe constitui-se como objeto subjetivamente concebido, ao mesmo tempo em que é objetivamente percebido. A separação, deste modo, “não é uma separação, mas uma forma de união” (Winnicott, 1975, p. 136).

A separação da dupla, assim instaurada, é um lugar móvel, elástico e rítmico. A partir de um contorno físico estável, como quarto, casa e cuidadores permanentes, a mãe passa a se ausentar provisoriamente em um tempo ausente-presente, e o bebê começa a suportar sozinho um estado de mente.

Na experiência do encontro é construída uma camada mental para o bebê, onde ele inicia uma existência subjetiva de idas e vindas com sua mãe. No embalo materno, há o lugar sem paredes onde toda a memória de segurança visceral, como o cheiro, a batida do coração, a voz, o sabor do leite, o suor, o olhar e a alegria formam a alma, criando uma união com a vida psíquica que caminha benignamente com o mundo externo.

A adaptação do cuidador gera no bebê uma confiança de que existe uma realidade externa semelhante à sua própria capacidade de criar. Esta etapa é fundamental para que se origine a área intermediária de experiência, conservada a partir de

fenômenos transicionais, os quais possuem a função de aliviar a tensão gerada pela tarefa de relacionar as realidades externa e interna.

As experiências primitivas com o cuidador, portanto, são condição *sine qua non* para que o indivíduo se sinta real, para que ele acredite que suas trocas com o mundo e com as pessoas são significativas e para que, assim, sinta que a vida vale a pena. Além disso, salienta-se que são as experiências primitivas que tornam possível ao indivíduo enfrentar as dificuldades que surgem no viver.

Tendo em vista as experiências transicionais propostas por Winnicott, propõe-se pensar sobre o luto vivido pelo Senhor Antonio Jorge da Silva – personagem do livro *A máquina de fazer espanhóis*, de autoria de Valter Hugo Mãe (2016) –, de 84 anos de idade e que acaba de perder a sua mulher. Levanta-se a hipótese de que a elaboração de seu luto pode ser compreendida por intermédio dos fenômenos transicionais que garantiriam a “manutenção de uma lembrança viva de quem partiu – evitando, contudo, apelar para um estado alucinatório que faria acreditar que a separação não se deu” (Barone, 2004, p. 88) e evitariam que o indivíduo caísse em um estado de desamparo absoluto.

AS PERDAS DO SENHOR SILVA

O livro *A máquina de fazer espanhóis* inicia-se com o Senhor Silva perdendo sua mulher, Laura, no hospital, ocasião em que ela, pela primeira vez, segundo ele, “estaria sozinha de mim, que é a solidão que me interessa e a de que tenho medo” (Mãe, 2016, p. 29). Afinal, de seus oitenta e quatro anos de vida, quarenta e oito anos haviam sido passados ao lado dessa mulher que “trazia definição a todas as incompletudes do meu ser e as colmatava” (Mãe, 2016, p. 97).

Laura parecia trazer para ele o simbólico da terra firme que aplacava todas as experiências de amor do Senhor Silva. Ele acreditava não poder voltar para casa sem a presença da mulher acolhedora e fértil das projeções amorosas que teve durante toda a vida. Sendo seu grande amor, não poderia perdê-la. O Senhor Silva, em quarenta e oito anos de casamento, adaptara-se a uma relação de amor que parecia relembrar a dupla de conforto inicial.

Apesar de o Senhor Silva referir-se a um estado de completude imaginária quando estava junto com ela – o que levaria a inferir que sua perda objetual foi de origem narcísica –, deve-se lembrar, também, que é comum haver uma idealização do objeto perdido no trabalho de luto, já que agora ele deixa de ter suas características confrontadas com o teste de realidade. De qualquer forma, na ocasião da perda de um objeto de amor, como salienta Freud (1917[1915], 1996), há uma dificuldade da pessoa de se afastar de qualquer atividade que não esteja vinculada ao pensamento sobre o que foi perdido. Além disso, pelo fato de não se interessar por mais nada, a vida pode ficar transitoriamente sem sentido, assim como ressalta o personagem ao afirmar: “o que justifica a vida de um homem depois dos oitenta anos quando perde a mulher que amou e com quem partilhou tudo durante quase meio século” (Mãe, 2016, p. 163). Seguir os dias, para ele, “foi como aceitar morrer devagar” (Mãe, 2016, p. 36).

No mais, logo após a notícia de sua viuvez, o Senhor Silva foi inesperadamente enviado a um lar de idosos chamado de “Feliz Idade”. Seu luto foi vivenciado entre estranhos e sem acesso à vida que tinha dantes.

RAIVA E DESTRUTIVIDADE NO LUTO

O Senhor Silva sentia que sua vida estava destruída, já que uma de suas funções, que seria de “nunca morrer, nem deixar ninguém morrer. Ninguém do núcleo fundamental, claro está” (Mãe, 2016, p. 184), não havia sido cumprida. O teste da realidade salientava sua falha ao constatar que sua esposa e sua casa não existiam mais. Restaria a ele, portanto, retirar toda a sua libido das ligações com aqueles objetos. Contudo, como Freud (1917[1915]) já salientava, “as pessoas nunca abandonam de bom grado uma posição libidinal, nem mesmo, na realidade, quando um substituto já se lhes acena” (p. 250). Em seu processo de luto, o Senhor Silva haveria de travar uma luta raivosa.

Por sentir-se rejeitado ao ser enviado ao lar de idosos, começou por querer provocar o mesmo sentimento na sua filha e no seu genro. Não receberia suas visitas. Não gostava de se ver apenas como uma tarefa da filha e desejava que ela sáisse do asilo infeliz. Rebelar-se faria com que se sentisse menos vulnerável e

traria a impressão de que suas demandas seriam escutadas, o que era evidenciado em sua afirmação: “gosto desta maldade, não podemos ficar velhos e vulneráveis a todas as coisas, temos de nos rebelar aqui e acolá, caramba, temos de estar a postos para alguma retaliação, algum combate, não vá o mundo pensar que não precisa tomar cuidado com as nossas dores” (Mãe, 2016, p. 87).

Diferentemente do melancólico que volta seu ódio contra si mesmo ao perder um objeto narcisicamente investido, o Senhor Silva direciona sua raiva ao mundo externo, o qual havia sido empobrecido pela perda de Laura. Em seus ataques ao genro e à filha, percebe-se uma tentativa sádica de que o outro sofra para que suas perdas sejam vingadas. Assim, havia um desejo de retaliação.

Sua vida não era nada do que desejava ou planejava, o que o fazia se sentir desrespeitado. Ele se referia ao seu novo lar como matadouro e se opunha a qualquer investimento libidinal em sua vida presente, o que se evidenciava na seguinte afirmação: “não me digas que vou estar aqui amanhã, não quero estar em lugar nenhum amanhã, não entendes” (Mãe, 2016, p. 52). A ele caberia infernizar protestando contra a morte de Laura e não se vinculando a nada. Sua luta, portanto, prolongaria a existência psíquica do que havia perdido, ao mesmo tempo em que denunciava sua dolorosa percepção da ausência externa.

A DESTRUTIVIDADE NO LUTO COMO SINAL DE ESPERANÇA

Quem poderia dizer se, em essência, o fogo é construtivo ou destrutivo?

(Plínio como citado em Winnicott, 1994)

Winnicott (2012), ao atender crianças e jovens que haviam perdido suas famílias no período da Segunda Grande Guerra, postulou que a destrutividade e a agressividade de seus pacientes poderia ter relação com a perda de um ambiente suficientemente bom no período da dependência relativa. Ele chamou de tendência antissocial as reações diante de um estado de privação que sinalizam uma procura por um suprimento ambiental confiável.

Em condições favoráveis, o indivíduo encontra um objeto substituto que possibilite o amar e ser amado e cessa suas buscas. O ato antissocial, portanto, é um ato de esperança.

Dessa forma, a criança chega à capacidade perdida de encontrar os objetos, ou à segurança perdida do quadro de referências. A criança recupera uma relação criativa com a realidade externa ou com o período em que a espontaneidade era segura, mesmo que envolvendo impulsos destrutivos (Winnicott, 1989, p. 77).

Longe de afirmar que o Senhor Silva manifeste uma tendência antissocial, já que não se possui dados suficientes sobre a sua história pregressa, o proposto é refletir sobre sua reação raivosa perante o luto por um objeto amado capaz de prover uma relação de trocas afetivas significativas. É pensar na raiva não só como uma reação normal à frustração sentida ao se deparar com o princípio da realidade, mas como um movimento do indivíduo em busca de sua própria recuperação.

Tendo em vista que o Senhor Silva pode ter encarado a morte de Laura e a saída de seu lar como perdas de um ambiente suficientemente bom, seu protesto contra suas privações pode indicar uma busca tanto por sentir-se real quanto por reaver aspectos de seu passado que lhe haviam sido roubados. Seus movimentos destrutivos podem sinalizar que ainda restava alguma esperança, mesmo que as suas perdas fossem definitivas. Afinal, se o novo lar suportasse o seu ódio e o acolhesse, ele poderia, enfim, voltar a ter relações significativas. Dito de outra forma, ao destruir, ele poderia voltar a construir, caso contrário sua complacência e obediência a essa nova situação de vida poderiam significar a sua morte interna.

VOLTANDO A VIVER

Aos poucos, o Senhor Silva não só desligaria sua libido de suas perdas, como também a deslocaria para novos objetos externos. Prova disso seria o esforço feito para pensar e para fazer planos para que “o futuro lhe parecesse possível” (Mãe, 2016, p. 82). Novos laços afetivos também se formavam, como quando salienta que “segurava a mão do américo [...] e ele deixava-se comigo um segundo a mais” (Mãe, 2016, p. 51).

Durante esse processo, decide escrever cartas de amor para Dona Marta, uma senhora que havia sido abandonada por seu companheiro e que ansiava por notícias deste. Ele escrevia sob a falsa assinatura desse antigo amante. Ao escrever as linhas para sua colega, percebia que “aquelas cartas me pareciam como escrever sobre mim. aquelas cartas eram sobre mim e ajudavam-me a pensar. ajudavam-me a transformar em literatura o que parecia nem ter verbalização possível” (Mãe, 2016, p. 161). As cartas de amor, na realidade, trariam à tona seus sentimentos por sua esposa e o ajudariam a elaborar sua experiência na medida em que simbolizaria sua perda.

Pode-se pensar nas cartas de amor para Dona Marta como um objeto transicional que funcionava simbolicamente como um elo entre o Senhor Silva e a sua falecida esposa, já que lá ele escrevia sobre sua relação perdida. Assim como uma criança que usa um lençol para acalantar-se e sentir-se segura na ausência de sua mãe. Em outras palavras, ele escrevia cartas de amor para unir sua memória de Laura às presenças de seu novo ambiente. As cartas de amor, pois, eram um elo perdido criativo com Laura reinvestido em Marta, ou seja, uma ferramenta para uma nova ilusão em sua vida psíquica que tentava sobreviver. Um caminho de esperança que, apesar de tenso, buscava reparação e organização do luto.

Após algum tempo, Dona Marta morre. No entanto, antes de sua morte concreta, o Senhor Silva já havia sido habitado por sua morte simbólica. Por meio de um delírio, o personagem vivencia uma cena em que assassina Dona Marta, o que descreve como: “quando de mentira entrara para matar com as pancadas de um livro, entre a realidade e a fantasia, eu ali decidira muita coisa” (Mãe, 2016, p. 193). Assim, a fúria narcísica do Senhor Silva manifestava-se em pesadelos e fantasias de assassinato de Dona Marta.

A intensidade dessa fúria era projetada e expelida em sonhos e delírios. Aqui, Laura era deslocada para Marta dentro de um campo escapista de ódio, por ter sido abandonado sem seu prévio consentimento. Havia falhado sua fantasia de poder proteger e controlar a Laura em sua dupla eterna e oceânica da sombria e devastadora morte. Dessa maneira, ao matar psiquicamente Dona Marta, o Senhor

Silva também matava Laura. A partir desse duplo assassinato, ele volta a viver, passando a redirecionar todo o seu investimento libidinal em torno de sua Laura e de sua vida pregressa para os estranhos em seu novo lar.

ELABORAÇÃO DO LUTO

O tempo prometido por Américo – ao dizer ao Senhor Silva que “um dia essa saudade vai ser benigna” (Mãe, 2016, p. 91) – havia finalmente chegado. A lembrança de sua esposa já lhe fazia aparecer um sorriso aos lábios, trazendo outro modo de saudade que “constrói uma memória que nós nos orgulhamos de guardar, como um troféu de vida” (Mãe, 2016, p. 91). Senhor Silva, enfim, anunciava que havia voltado, e dizia: “queria que me deixassem em paz e ser capaz de me voltar a rir” (Mãe, 2016, p. 210).

Os dias, antes vistos como uma lentidão da morte que custava a chegar, passaram a ser preciosos. A ele, agora importava que “não teime passar, que fique quieto, o estupor do tempo” (Mãe, 2016, p. 137).

A elaboração da morte de Laura era anunciada por suas pedras em seu túmulo, que passaram a ser como quaisquer outras e não diziam mais nada. Sua esposa morta, que dantes não o deixava se conectar com o mundo externo, passa, então, segundo ele, a “me enxotar veementemente dali para fora, a pôr-me a jeito de tarefas com valor para os vivos ao invés de desperdiçar o tempo a descontar para a morte” (Mãe, 2016, p. 191), ou seja, a forçá-lo a conectar-se com a vida. Não havia mais a necessidade de se iludir que ela estava dentro de si, pois ela, de fato, agora morava verdadeiramente em sua realidade psíquica interna.

O Senhor Silva apenas lamentava não o terem deixado retornar à sua casa, como quando salienta sobre o seu antigo lar: “ainda que o destruísse, ainda que o odiasse por continuar indiferente à ausência da Laura, eu preferia que me tivessem permitido a violência inteira de perder tudo, de verdadeiramente perder tudo” (Mãe, 2016, p. 215).

Esse momento vivenciado pelo Senhor Silva remete a um sonho de Winnicott

(1994) em que havia uma absoluta destruição de sua vida para que depois ele se tornasse um agente destrutivo. Após essas duas etapas, o psicanalista aparecia em seu sonho acordado e consciente de seu sonho. Ele interpreta que, inicialmente, havia apenas um mundo subjetivo em que ele era atacado, e depois, ao se tornar agente de destruição, havia um mundo objetivamente percebido. Estar acordado em seu sonho, lembrando-se do sonho, seria um ato de integração desses dois aspectos do estar vivo.

O ressentimento do Senhor Silva de não ter podido participar do processo de desconstrução de sua vida anterior certamente se deve ao que Winnicott refere-se nesse sonho: foi-lhe roubada a condição de autor da condução de sua dor, o que facilitaria a integração de suas perdas tanto subjetiva quanto objetivamente. Salienta-se, contudo, que esse processo ocorreu simbolicamente no lar de idosos.

Os amigos que se mantiveram vivos durante esse processo de perda e destruição também colaboraram para o Senhor Silva voltar à vida, como ele mesmo ressalta: “eu precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de amizade. [...] os outros, américo, justificam suficientemente a vida, e eu nunca diria. esgotei sempre tudo na laura e nos miúdos. esgotei tudo demasiado perto de mim” (Mãe, 2016, p. 244). Ao ver os amigos sobreviverem aos seus ataques, eles saíam de sua área de projeção e podiam ser usados por ele em uma reconstrução dos vínculos afetivos.

A amizade, portanto, surgia na medida em que o Senhor Silva saía de uma introspecção em que a destrutividade se voltava contra o ego e suas relações. No momento em que passou a projetar sua raiva nos novos amigos e eles sobreviviam, ele modificou sua realidade objetiva. A partir disso, poderiam haver trocas entre o eu e o não-eu, ou seja, entre o Senhor Silva e os outros. Os amigos, assim, passaram a ser subjetivos, partes dele, e também objetivos, outros e estranhos.

Voltando a confiar em seu ambiente e a retomar a capacidade para ter relações afetivas, o Senhor Silva permitia-se ser vulnerável novamente diante do outro, como quando afirma:

[...] nunca eu teria percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante o outro. nunca teria percebido como um estranho pode nos pertencer, fazendo-nos falta. não era nada esperada aquela constatação de que a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas (Mãe, 2016, p. 251).

Agora, o Senhor Silva estava pronto para desfrutar a experiência alegre do viver, assim como para entrar em contato com sua vulnerabilidade, confrontando-se com o sofrimento e outras perdas inevitáveis. Na medida em que voltava a se sentir sadio, agia como uma pessoa total e passava a ser capaz, segundo Winnicott (1975), de lidar com as frustrações como fenômenos próprios do princípio de realidade.

Sentindo-se preparado para arriscar e deixar sua vida mais à deriva – pois, segundo ele, “quem se guarda de tudo foge de tudo” (Mãe, 2016, p. 252) –, o trabalho de luto acabava por se encerrar. Afinal, reinstalou-se a crença de que a vida, apesar de tudo, vale a pena.

CONCLUSÃO

O Senhor Silva vivia em sua redoma amorosa até o momento em que Laura morre, quando o prazer de crescer com ela se esgota, passando a viver tempos de tristeza. Essa súbita rasteira da vida coloca-o entre a janela do jardim e a janela do cemitério no Lar Feliz Idade. Lá, não se pode afirmar que o Senhor Silva vive uma melancolia, apesar de ele provavelmente ter vivido uma relação amorosa com Laura numa base narcisista. Não são apresentados indícios de empobrecimento do ego. O mundo do Senhor Silva torna-se pobre, não ele mesmo. Assim, o que é anunciado é um ardiloso trabalho de luto.

Ao ser privado de sua amada esposa e de seu apartamento, o Senhor Silva isola-se e reage enraivecidamente a essa morte que não pôde controlar nem evitar. Ficando inicialmente consumido por sua realidade interna, onde era habitado por Laura em sua antiga morada, conserva seus laços libidinais com toda a sua energia. Ao odiar e destruir, permanece vivo e testa sua nova realidade. Seu ódio

denuncia que não abandonaria facilmente sua posição libidinal.

O que o Senhor Silva não contava era que, no Lar Feliz Idade, encontraria os fios da amizade que permitiriam costurar uma aproximação do estrangeiro. Naquele lugar, descobre um ambiente que se mantém vivo aos seus ataques e ao seu ódio. Afinal, para que novos vínculos fossem construídos, seria necessário que a realidade pudesse conter toda destrutividade que a sua dor ocasionava. Apenas desta forma abandonaria seu investimento libidinal na esposa morta e voltaria a viver em uma zona intermediária entre realidade subjetivamente concebida e a realidade objetivamente percebida.

Com a presença de seus novos amigos, tece a rede de uma nova família, onde um coloca na mão do outro a sua solidão. Nessa experiência, ele acaba por sair de um luto dilacerante e forma vínculos afetivos que o impulsionam a seguir vivo apesar da saudade ácida e fria. Com os amigos, vivencia o tempo, o choro e os abraços. A saudade, então, passa a ser uma sensação de memória que o faz agradecer a existência.

O relato da experiência do Senhor Silva sugere que sua relação com a esposa era semelhante ao vínculo mãe-bebê. A ajuda dada pelos amigos lembra que alguém de fora do útero pode acalmar e fazer acreditar que sonhar vale a pena, e que amar em profundidade é um alimento para enfrentar a tristeza e transformar o ácido em agridoce. Ao se permitir vivenciar o resto de seus dias em uma área transicional entre o eu e o não-eu, entre o conhecido e o estranho, o Senhor Silva escolhe, assim, estar vivo na hora de sua morte.

Conclui-se que o mundo do Senhor Silva deixa de ser empobrecido na medida em que é constituído um espaço de viver criativo. Salienta-se que essa tarefa é realizada apenas porque há uma provisão ambiental adequada que possibilita o

Senhor Silva ser ativo após sofrer passivamente uma grande perda. A raiva do personagem é uma tentativa de restabelecer o controle de sua vida. Apenas com o retorno da confiança em seu ambiente e a conseqüente crença de que havia algo em sua realidade correspondente à sua capacidade de criar o Senhor Silva volta a sonhar e a construir uma vida plenamente significativa para ele. Com a sua perda elaborada por intermédio dos fenômenos transicionais, ele passa a ter um contato pleno com a realidade. Portanto, embora o seu luto o tenha levado, inicialmente, a um processo de empobrecimento, houve, a partir de sua relação de destrutividade com a nova realidade encontrada no Lar Feliz Idade, um enriquecimento do *self* do personagem, que passa a ver e a viver a vida de uma maneira mais complexa e inteira.

REFERÊNCIAS

- Barone, K. (2004). *O trabalho de luto à luz dos fenômenos transicionais*. Recuperado em 19 de junho, 2009, de <http://serefazer.psc.br/o-trabalho-de-luto-a-luz-dos-fenomenos-transicionais>.
- Freud, S. (1996). Luto e melancolia. In: *Obras completas: ESB* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.
- Mãe, V. H. (2016). *A máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Biblioteca Azul.
- Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. (1989). A delinquência como sinal de esperança. In: Winnicott, D. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. (1994). Sobre o uso de um objeto. In: Winnicott, C., Shepherd, R. & Davis, M. (orgs.). *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Winnicott, D. (2012). A tendência antissocial. In: Winnicott, D. *Privação e delinquência*. São Paulo: WMF Martins Fontes.